



Homem-cavalo, madeira, 48,5cm, s/d
Homem-boi (O Ermitão), madeira, 46cm, 1986

O grande e o pequeno

Ricardo Gomes Lima*

Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro, século XX. Lélia Coelho Frota. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005; 440p.: il., 14 x 19cm.

O que torna uma obra pequena? O que faz com que um dicionário seja classificado como pequeno dicionário? Seu tamanho reduzido, medido em número de páginas? A curta extensão do assunto que aborda? A pouca profundidade com que o autor trata a matéria? A importância relativa do tema em questão? Certamente quem toma nas mãos o *Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro, século XX*, publicado pela Editora Aeroplano em 2005, apenas em parte concordará com o título que Lélia Coelho Frota, sua autora, deu às 440 páginas de texto denso e rico em ilustrações. Arte do povo brasileiro, sem dúvida. Pequeno dicionário? A expressão é, no mínimo, discutível.

Lélia é um dos maiores nomes no que se refere à reflexão sobre o campo da arte no país. A presente publicação comprova isso, embora nem fosse preciso. Sua extensa obra como curadora de exposições, pesquisadora, escritora, autora de trabalhos clássicos como *Mitopoética de nove artistas brasileiros* são atestações suficientes da competência e da sensibilidade com que aborda o universo da arte e cultura. Um de seus grandes feitos foi ter estado à frente do Instituto Nacional do Folclore, atual Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/Iphan, no Rio de Janeiro, conduzindo a instituição a uma profunda mudança conceitual que a aproximou do campo da antropologia e onde dirigiu a equipe responsável pela transformação das galerias de exposição permanente do Museu de Folclore Edison Carneiro. É também mérito seu a criação, em 1983, da Sala do Artista Popular, espaço de pesquisa, divulgação e comercialização de objetos de fatura popular, cujos princípios de funcionamento inauguraram postura mais digna das instituições públicas na relação com os denominados artesãos e artistas populares do país.

O livro que ora publica tem a forma de um dicionário, estruturado em verbetes organizados de A a Z. Seu conteúdo, no entanto, vai muito além do que se poderia esperar de uma obra do gênero. A título de introdução, a autora apresenta um instigante ensaio sobre as artes populares no país, discorrendo sobre a origem e a transformação desse campo ao longo dos cinco séculos da história brasileira. Em meio aos vários aspectos que aborda, reporta-se à constituição do conceito de popular que, estreitamente vinculado ao universo do folclore – em determinados contextos os termos se equivalem

* Ricardo Gomes Lima é Doutor em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, IFCS/UFRJ e Mestre em História da Arte/Antropologia da Arte, EBA/UFRJ. É professor do Instituto de Artes da UERJ e pesquisador do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/Iphan/Ministério da Cultura.

—, é também herdeiro do movimento romântico e do nacionalismo europeus. Problematizando dicotomias como erudito e popular, elite e povo, urbano e rural, contemporaneidade e passado, a autora é partidária da visão de que, no mundo atual, não há sentido na reificação das fronteiras a separar esses universos, há muito rompidas. Enfatizando a circularidade entre os diferentes níveis de cultura, Lélia, no entanto, reconhece o tratamento desigual que é dado às artes derivadas dos estratos de baixa renda quando comparadas àquela produzida por seus pares das camadas altas da sociedade, feitas para deleite das elites ou segundo os cânones hegemônicos vigentes. Daí sua escolha por chamar *arte do povo*, expressão inclusiva, ao que tem sido designado como *arte popular*, campo problemático, por vezes desconhecido ou ignorado por estudiosos das artes no país, quando não sujeito a discriminações e preconceitos.

Dona de discurso singular, nesse dicionário não basta à autora arrolar artistas, em ordem alfabética, citar seus nomes, locais e datas de nascimento e morte, listar as exposições que realizaram, as "escolas" e os "movimentos" que integraram e reproduzir a opinião da crítica que os consagrou, como é comum encontrar em obras similares. Esses dados são importantes e estão presentes no livro, porque situam o indivíduo na rede de relações pessoais e profissionais que estabelece no decorrer da vida e que, muitas vezes, no caso do artista popular, se fundem completamente.

Lélia, no entanto, vai além. Havendo mergulhado nas águas da antropologia, percebe o objeto artístico, escultura ou pintura, *assemblage* ou instalação, música ou representação cênica (que a autora prefere denominar dramática) como realidades que, em sua efemeridade, não se contêm em si mesmas. Sabendo que a arte não é instância isolada e autônoma da realidade, que, ao contrário, tem no social o suporte da expressão e do sentido, a autora permeia a biografia do artista com referências ao contexto de origem da obra e a seu meio de fruição, não necessariamente coincidentes, em especial num país como o Brasil, que se faz de múltiplas realidades.

Assim, pela leitura de um discurso conseqüente, o leitor descobre dados que não são meras ilustrações sobre os artistas do povo, mas que, plenos de significado, constituem informações preciosas para o conhecimento de sua vida e de sua obra, e, por extensão, configuram questões relevantes para o entendimento do universo da arte brasileira.

Tendo em vista os vários contextos que dão forma e significado a muitas expressões da arte, o livro traz registrada uma dúzia de verbetes que se mesclam às biografias e que evidenciam a relação arte/ contexto: fachadas de casas, muros, arquitetura, paredes de bares, bares, sociabilidade, quadras de escolas de samba, samba, carnaval, futebol, festa, ritual, religião, ex-votos, proas de barcos, carrancas.



Idílio. Óleo s/ tela, 79 x 116cm, 1966

Com esse *Dicionário*, uma vez mais, Lélia Oelho Frola inova. O estatuto de poeta lhe garante a liberdade de brincar com as palavras, fazendo delas real instrumento de comunicação. Só assim podemos aceitar o qualificativo *pequeno* aplicado a esse grande livro. Pequeno no sentido de obra primeira, que aborda de modo sistemático a criação plástica de cerca de uma centena e meia de artistas. Pequeno no sentido de ser apenas mais um passo que se soma a outros no longo caminho que vem sendo percorrido por estudiosos da arte, como Mário de Andrade, Augusto Rodrigues, Aloisio Magalhães e outros que buscaram o reconhecimento pleno para a obra de tantos criadores brasileiros que – talvez por não integrarem o mundo da “Arte”, não criarem voltados exclusivamente para as elites, não perseguirem o circuito das galerias na ânsia da consagração, do incenso da crítica “especializada” – não têm suas obras reconhecidas, embora sejam, certamente, grandes criadores da verdade da vida.